
Terapia ocupacional e sexualidade: uma revisão nos periódicos nacionais e internacionais da área*

Occupational therapy and sexuality: a review of national and international journals in the area

Gustavo Artur Monzeli¹, Roseli Esquerdo Lopes²

MONZELI, G. A.; LOPES, R. E. Terapia ocupacional e sexualidade: uma revisão nos periódicos nacionais e internacionais da área. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 23, n. 3, p. 237-44, set./dez. 2012.

RESUMO: Trata-se de um artigo de revisão de literatura delineado para mapear e apreender a produção de trabalhos dentre terapeutas ocupacionais, em periódicos nacionais e internacionais, sobre a sexualidade. A pesquisa foi realizada em dois periódicos nacionais e seis internacionais, todos específicos para a área de terapia ocupacional. Foram identificados trinta textos, publicados entre os anos de 1985 e 2011. Com a realização do levantamento e da análise dos dados, foi possível assinalar que a produção de conhecimento que envolve a terapia ocupacional e os aspectos da sexualidade, apesar de não ser recente, ainda é escassa. Os principais temas abordados nos trabalhos foram: a sexualidade como um fator a ser considerado no processo terapêutico-ocupacional; a experiência da sexualidade para as pessoas com algum tipo de deficiência; a competência do terapeuta ocupacional ao lidar com a sexualidade; e, finalmente, o conforto/desconforto dos terapeutas ocupacionais na abordagem do tema. Verificou-se também a necessidade de estudos que compreendam a sexualidade como expressão subjetiva, para além da intervenção clínica profissional, bem como que se debruçam sobre seu potencial político de transformação individual e coletiva.

DESCRIPTORIOS: Terapia ocupacional; Sexualidade; Literatura de revisão como assunto.

* Este estudo está vinculado à pesquisa de mestrado: *Em casa, na pista, na escola é tanto babado: espaços de sociabilidade de jovens travestis*, realizado junto ao Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos, que contou com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

¹ Mestre em Terapia Ocupacional pelo Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

² Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, com pós-doutorado em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo. Professora Titular do Departamento de Terapia Ocupacional e dos Programas de Pós-Graduação em Educação e em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Endereço para Correspondência: Gustavo Artur Monzeli. Laboratório METUIA do Departamento de Terapia Ocupacional da UFSCar, Rodovia Washington Luiz, Km 235, Caixa Postal 676, CEP: 13565-905, São Carlos, SP, Brasil. E-mail: gustavo.monzeli@gmail.com

INTRODUÇÃO

Desde o século XIX, a sexualidade vem se transformando em elemento de investigação para cientistas, religiosos, educadores e profissionais de diferentes áreas, colocando-a “em discurso” (FOUCAULT, 2005), ou seja, ela vem sendo descrita, compreendida, explicada, regulada, saneada, educada, normatizada, a partir das mais diversas perspectivas (LOURO, 2004).

Para uma compreensão mais acurada sobre o que vem sendo produzido nesse âmbito, é necessário que se apreenda o tratamento dado às categorias “sexo” e “gênero”. O movimento feminista foi o primeiro a questionar essas divisões e hierarquias e, já na chamada “primeira onda”, no fim do século XVIII, buscava o reconhecimento de demandas políticas e coletivas, como o acesso ao voto, tendo como uma de suas principais representantes Mary Wollstonecraft, com a obra *Em Defesa dos Direitos da Mulher*, de 1792 (MOTTA, 2009).

Naquilo que foi chamado de “segunda onda” do movimento feminista, às demandas políticas e coletivas se agregam aspectos voltados a questões subjetivas e individuais, apontando que as representações da visão de mundo relacionadas à arte, à ciência e à vida social eram “masculinistas”. Nesse contexto, uma das obras mais destacadas é *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, de 1949.

Um grande marco nas discussões das teorias feministas está na década de 1970, quando Gayle Rubin introduz o sistema sexo/gênero, pensando o sexo relacionado ao corpo e à natureza, ao mesmo tempo em que coloca o gênero como os significados culturais e sociais que este corpo “neutro” recebe. Tal reformulação:

surgiu com o intuito de distinguir e separar o sexo – categoria analítica marcada pela biologia e por uma abordagem essencializante da natureza ancorada no biológico – do gênero, dimensão esta que enfatiza traços de construção histórica, social e sobretudo política que implicaria análise relacional (MATOS, 2008, p.336).

Mais recentemente, na década de 1990, a filósofa Judith Butler rompe com essas conexões entre sexo e

natureza, gênero e cultura, questionando o gênero como uma sofisticada tecnologia social heteronormativa⁽¹⁾, enunciando que não há nenhum sexo pré-discursivo que atue como ponto de referência estável sobre o qual se realiza a construção cultural do gênero. A autora enfatiza que a categoria sexo é, desde sempre, normativa:

o sexo não só funciona como norma, mas também é parte de uma prática reguladora que produz os corpos que governa, ou seja, cuja força reguladora se manifesta como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir – demarcar, circunscrever, diferenciar – os corpos que controla (BUTLER, 2002, p.18, tradução livre⁽²⁾).

Desse modo, Butler (2003) reconfigura as relações entre sexo, gênero, sexualidade e subjetividade, indicando a multiplicidade de desejos e prazeres que não se limitam ao feminino e ao masculino concebidos como categorias fixas.

Para Foucault, historicamente, o sexo e a sexualidade se tornaram objeto de disputa pública entre as demandas do poder público e as próprias demandas individuais, afirmando que a partir do século XVIII,

os governos percebem que não têm que lidar simplesmente com sujeitos, nem mesmo com um ‘povo’, porém com uma ‘população’, com seus fenômenos específicos e suas variáveis próprias: natalidade, morbidade, esperança de vida, fecundidade, estado de saúde, incidência das doenças, forma de alimentação e habitat (FOUCAULT, 2005, p. 31).

Esse autor ainda acrescenta que todas essas variáveis situam-se entre o que é próprio à vida individual dos sujeitos e as necessidades e efeitos particulares das instituições governamentais, demonstrando que as taxas de natalidade, por exemplo, não dependem única e exclusivamente dos desejos e das possibilidades daqueles que pertencem a um determinado núcleo familiar. Essa concepção confirma a hipótese de uma sociedade que não apenas dita as regras de casamento e organização familiar, mas, sobretudo, começa a regulamentar a maneira como cada qual usa seu sexo (FOUCAULT, 2005).

Por meio de uma articulação entre as produções discursivas, de poderes e de saberes, ele discorda da hipótese repressiva da sexualidade, argumentando que o sexo em nossa

(1) Richard Miskolci esclarece que muito mais do que o *aperçu* de que a heterossexualidade é compulsória, a heteronormatividade é um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo àqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto. Assim, ela não se refere apenas aos sujeitos legítimos e normalizados, mas é uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e “natural” da heterossexualidade (MISKOLCI, 2009).

(2) Em este sentido pues, el “sexo” no sólo funciona como norma, sino que además es parte de una práctica reguladora que produce los cuerpos que gobierna, es decir, cuya fuerza.

sociedade não é silenciado, pelo contrário, fala-se dele de outra maneira, a partir de outros pontos de vista e para obter outros efeitos:

Não se deve fazer uma divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de descrição é exigida a uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam os discursos (FOUCAULT, 2005, p.33-34).

Segundo Foucault, vivemos em uma sociedade que “fala prolixamente de seu próprio silêncio, obstina-se em detalhar o que não diz; denuncia os poderes que exerce e promete libertar-se das leis que a fazem funcionar” (FOUCAULT, 2005, p.14). Uma vez rompida a hipótese repressiva da sexualidade, que marcava a maioria dos estudos nesse campo até meados da década de 1970, compreende-se, então, que a sexualidade não é proibida, é, antes, produzida por meio de discursos (MISKOLCI, 2009).

A sexualidade passa a ser concebida como um dispositivo histórico de poder, ou melhor, um conjunto heterogêneo de discursos e práticas sociais, uma verdadeira rede que se estabelece entre elementos tão diversos, como a literatura, os enunciados científicos, as instituições e proposições morais (MISKOLCI, 2009).

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 2005, p.100).

Muitos são os discursos que regulam, normatizam e produzem a sexualidade como algo natural, anterior à cultura, negligenciando, assim, a compreensão de que o sexo é uma postulação que se faz no interior da linguagem e da cultura, o sexo está intimamente ligado à cultura (LOURO, 2004; BUTLER, 1999).

A fim de identificar se existe na produção científica na área de terapia ocupacional a presença das temáticas afetas à sexualidade, assim como de apreender as compreensões expressas e suas relações com pesquisas e intervenções feitas por esses profissionais, realizamos um levantamento e uma revisão da literatura nesse âmbito.

É importante ressaltar que os textos aqui analisados,

certamente, não representam a totalidade da produção dos terapeutas ocupacionais, posto que podem existir publicações em periódicos de áreas correlatas à terapia ocupacional e até mesmo publicações e produtos acadêmicos de outra natureza, especialmente na linha de trabalhos levados a eventos, os quais permanecem como uma das formas mais utilizadas, nacional e internacionalmente, pelos profissionais para divulgarem seus trabalhos (OLIVER, 2009). Não obstante, este mapeamento proporciona elementos para a análise de uma determinada produção na área de terapia ocupacional sobre o tema.

Trata-se, então, de oferecer subsídios para que se componha um quadro acerca de concepções e contribuições de terapeutas ocupacionais, no que diz respeito ao campo da sexualidade.

PROCEDIMENTOS

Realizou-se uma revisão da literatura sobre a temática da sexualidade e suas relações com a terapia ocupacional, por meio de artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais da área, partindo-se da busca de termos nos títulos, resumos e palavras-chaves em todos os textos publicados em periódicos considerados significativos na veiculação do conhecimento do campo, com vistas a selecionar os trabalhos que tratassem de questões sobre sexualidade e terapia ocupacional.

Foram consultados os seguintes periódicos nacionais da área de terapia ocupacional: *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, onde apenas um trabalho foi encontrado sobre a temática, e *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, na qual nenhum trabalho foi encontrado.

Em relação aos periódicos internacionais, foram consultados: *Occupational Therapy International*, *The American Journal of Occupational Therapy*, *The British Journal of Occupational Therapy*, *Australian Journal of Occupational Therapy* e *Canadian Journal of Occupational Therapy*. Apenas neste último não foi encontrado nenhum artigo.

Os termos utilizados na busca foram: sexualidade (sexuality), heterossexualidade (heterosexuality) e homossexualidade (homosexuality). Optou-se por não se utilizar termos como “gênero” (gender) e “corpo” (body), para que os resultados tivessem como foco, ou objeto central, as discussões sobre a categoria “sexualidade”.

Provavelmente, se tais descritores fossem também utilizados, outros trabalhos com a temática da sexualidade seriam relacionados, uma vez que este tema se mostra

complexo e multifacetado; porém, a proposta desta pesquisa foi se debruçar sobre a análise dos trabalhos que destacam a sexualidade como categoria central de discussão, compreendendo as relações feitas entre os estudos de sexualidade e outras categorias, inclusive gênero, corpo e subjetividade, e não o movimento contrário.

Trabalhou-se com uma leitura exploratória (GIL, 2002), que permitiu a identificação dos 30 artigos de interesse para o estudo, sendo um em língua portuguesa e 29 em língua inglesa. Foram acessados os 30 resumos, o que tornou

possível organizar e sintetizar as informações, mapeando-as por palavras-chave, objetivos, metodologias e resultados. Esses dados são apresentados e discutidos a seguir.

RESULTADOS

Os Trabalhos Identificados

Dos trinta trabalhos identificados, seis foram publicados na década de 1980, dez na década de 1990, treze nos anos 2000 e um nos dois primeiros anos da década de 2010. A seguir, na Tabela 1 esse material é apresentado:

Tabela 1. Trabalhos identificados

Título	Periódico	Ano de Publicação
Attitudes and Knowledge of Occupational Therapy Clinicians and Students Regarding the Sexuality of Disabled People	Australian Occupational Therapy Journal	1985
Sexuality Counseling for Adults with Disabilities: A Module for an Occupational Therapy Curriculum	The American Journal of Occupational Therapy	1986
Performance and Attitudes of Occupational Therapists Regarding Sexual Habilitation of Pediatric Patients	The American Journal of Occupational Therapy	1986
Occupational Therapy Treatment Goals for Adults with Developmental Disabilities	The American Journal of Occupational Therapy	1986
Professional Involvement in Sexuality Counseling for Patients with Spinal Cord Injuries	The American Journal of Occupational Therapy	1988
The Educational Needs of Occupational Therapists who Work with Adult Survivors of Childhood Sexual Abuse	The British Journal of Occupational Therapy	1988
Improving Sexual Rehabilitation Services: The Patient's Perspective	The American Journal of Occupational Therapy	1995
Exploration of Occupational Therapists' Comfort with Client Sexuality Issues	Australian Occupational Therapy Journal	1997
Sexuality Education and Counseling for Individuals with a Spinal Cord Injury: Implications for Occupational Therapy	The British Journal of Occupational Therapy	1998
An Evaluation of Staff Attitudes towards the Sexual Activity of People with Learning Disabilities	The British Journal of Occupational Therapy	1998
Sexual Issues: an Area of Concern for Occupational Therapists?	The British Journal of Occupational Therapy	1998
An Investigation of Stroke Patients Resuming Sexual Activity	The British Journal of Occupational Therapy	1998
Sexual Issues within Occupational Therapy Part 1: Attitudes and Practice	The British Journal of Occupational Therapy	1998
Do Occupational Therapists feel Equipped to Deal with the Adult Legacy of Childhood Sexual Abuse?	The British Journal of Occupational Therapy	1998
Inappropriate Client Sexual Behaviour in Occupational Therapy	Occupational Therapy International	1999
Sexual Issues within Occupational Therapy, Part 2: Implications for Education and Practice	The British Journal of Occupational Therapy	1999
Sexual Aspects of Rehabilitation: the Client's Perspective	The British Journal of Occupational Therapy	2000
True to Our Philosophy? Sexual Orientation and Occupation	The British Journal of Occupational Therapy	2000
Identity Issues for People Living with HIV/AIDS: Humans with Potential or Sexual Victims?	The British Journal of Occupational Therapy	2000

continua

continuação

Título	Periódico	Ano de Publicação
Football and Tin Cans: A Model of Identity Formation based on Sexual Orientation Expressed through Engagement in Occupations	The British Journal of Occupational Therapy	2000
Adolescentes em Situação de Vulnerabilidade: Estratégias de Terapia Ocupacional em um Trabalho de Prevenção a AIDS	Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar	2003
Survey of Occupational Therapy Students' Attitudes towards Sexual Issues in Clinical Practice	Occupational Therapy International	2005
Sexual Expression and Occupational Therapy	The British Journal of Occupational Therapy	2005
Sexuality After Spinal Cord Injury: The Greek Male's Perspective	The American Journal of Occupational Therapy	2006
Diversity in Occupational Therapy: Experiences of Consumers who Identify Themselves as Minority Group Members	Australian Occupational Therapy Journal	2006
Sexuality and Occupational Therapy: Exploring the Link	The British Journal of Occupational Therapy	2006
Sexuality and Disability: a Case of Occupational Injustice	The British Journal of Occupational Therapy	2006
Sexual Orientation and Occupation: Gay Men and Women's Lived Experiences of Occupational Participation	The British Journal of Occupational Therapy	2006
Sexuality and Health Care: Can We Carry on Ignoring the Issue?	The British Journal of Occupational Therapy	2008
The Impact of Assistive Equipment on Intimacy and Sexual Expression	The British Journal of Occupational Therapy	2011

Sobre os Periódicos

De um total de 30 textos, publicados entre os anos de 1985 e 2011, constatou-se que 60% estavam relacionados ao *The British Journal of Occupational Therapy*, 20% estavam vinculados ao *The American Journal of Occupational Therapy*, 10% ao *Australian Journal of Occupational Therapy*, 6,7% ao *Occupational Therapy International*, e apenas 3,3% aos *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, como se pode observar na Tabela 2.

Tabela 2. Distribuição de textos por periódico

Periódico	Nº	Porcentagem
British Journal of Occupational Therapy	18	60%
American Journal of Occupational Therapy	6	20%
Australian Journal of Occupational Therapy	3	10%
Occupational Therapy International	2	6,7%
Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar	1	3,3%
Total	30	100%

Com o intuito de estabelecer uma proporcionalidade, mesmo que aproximada, entre esses números e o número total de trabalhos nesses periódicos, no período, buscou-se este último junto aos endereços eletrônicos de cada veículo, contabilizando-se uma média de seis textos em cada número disponível, por periódico. Os valores encontrados foram os seguintes: *The British Journal of Occupational Therapy* – 1.044; *The American Journal of Occupational Therapy* – 1.806; *Australian Journal of Occupational Therapy* – 1.338; *Occupational Therapy International* – 390; *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar* – 246. Desse modo, pode-se dizer que de um total estimado de 4.824 trabalhos, apenas 0,62% traz a temática em tela.

Modalidades dos Textos

Dentre os trinta trabalhos selecionados, verificou-se que dezessete apresentavam resultados de pesquisas, sete eram relatos de experiência com discussão teórica, cinco eram textos de reflexão teórica e um trabalho apresentava uma revisão bibliográfica sobre questões de sexualidade e a relação com a terapia ocupacional, como se pode notar na Tabela 3, a seguir.

Tabela 3. Distribuição de trabalhos por periódico, conforme modalidade

Modalidades	Nº	Porcentagem
Resultados de pesquisa	17	56,7%
Relatos de experiência com discussão teórica	7	23,4%
Textos teóricos	5	16,6%
Revisão bibliográfica	1	3,3%
Total	30	100%

Sobre os Temas Abordados

Os principais temas abordados foram: a sexualidade como fator a ser considerado no processo terapêutico-ocupacional; a sexualidade para as pessoas com algum tipo de deficiência; a competência do terapeuta ocupacional ao lidar com a sexualidade; e o conforto/desconforto dos terapeutas ocupacionais na abordagem do tema, como observado na Tabela 4.

Tabela 4. Distribuição de trabalhos por periódico, conforme tema central

Principais temas abordados	Nº	Porcentagem
Sexualidade como fator a ser considerado no processo terapêutico-ocupacional	11	36,6%
Sexualidade e a pessoa com deficiência	10	33,4%
Capacidade dos terapeutas ocupacionais ao lidar com a sexualidade	6	20%
Conforto/desconforto dos terapeutas ocupacionais na abordagem do tema	3	10%
Total	30	100%

DISCUSSÃO

A produção e a divulgação do conhecimento, em âmbito nacional e internacional, sobre as relações entre terapia ocupacional e os estudos sobre sexualidade ainda são

escassas. Todavia, observa-se um crescimento no número de publicações sobre a temática, que passou de seis trabalhos na década de 1980 para dez na década de 1990, chegando a treze publicações nos anos 2000.

De um total de dezessete trabalhos resultados de pesquisa, três apontavam para a necessidade de considerar a sexualidade um tema importante no processo terapêutico-ocupacional, sete tratavam da temática da sexualidade da pessoa com deficiência, quatro discutiam as capacidades técnicas dos terapeutas ocupacionais para abordar a sexualidade em suas práticas e pesquisas, e três buscavam identificar o conforto e o desconforto em discutir questões de sexualidade no processo de intervenção técnica.

Dos sete trabalhos que se referem a relatos de experiência, três têm como temática a sexualidade da pessoa com deficiência, dois discutem as capacidades técnicas para lidar com situações relacionadas ao “abuso sexual” e outros dois textos versam sobre a necessidade de considerar a “orientação sexual” no processo terapêutico-ocupacional.

Em relação aos cinco trabalhos teóricos, todos traziam à discussão a relevância e a necessidade de levar em conta as questões relacionadas à sexualidade nos processos de intervenção técnica, atribuindo aos profissionais o papel de debater sobre essa temática.

O único trabalho de revisão bibliográfica procurava identificar questões de sexualidade no contexto das ações técnicas dos terapeutas ocupacionais, destacando a sexualidade como fator a ser considerado em tais intervenções.

Com a análise dos principais temas abordados, nota-se que, nas poucas vezes em que os terapeutas ocupacionais se debruçam sobre a questão, estes partem da concepção de sexualidade relacionada às pessoas com algum tipo de deficiência. Sendo assim, a sexualidade é compreendida como uma atividade da vida diária ou cotidiana dos sujeitos que, como qualquer outra, precisa ser abarcada profissionalmente no processo de habilitação/reabilitação. Essa concepção acaba por limitar o potencial analítico da sexualidade enquanto um dispositivo histórico de poder (FOUCAULT, 2005), resultado da intersecção de diferentes discursos.

Uma das lacunas dos estudos acerca da sexualidade, no âmbito da terapia ocupacional, está em não ser relevado o debate que problematiza a vinculação entre sexo, gênero, sexualidade e subjetividade. Em sua grande maioria, as análises feitas pelos profissionais partem da concepção de sexualidade como um dado natural, acabando por reiterar a premissa sexo-gênero-sexualidade, na qual um sexo indica determinado gênero, e este gênero, por sua vez, induz o desejo.

Outro tema que se mostrou importante nesta discussão foi a preocupação com as capacidades teóricas e técnicas para lidar com questões que aparecem como “demandas de sexualidade”, relacionadas à atuação clínica dos terapeutas ocupacionais. Nesse tópico, aparecem as insuficiências na formação e as lacunas curriculares afetas à temática da sexualidade na prática cotidiana desses profissionais.

Relacionados a esse subtema, surgem os questionamentos que atravessam a formação teórica e técnica dos terapeutas ocupacionais e se focam na preocupação destes, no que tange aos desconfortos ao abordar a sexualidade em suas práticas, estudos ou pesquisas. São apontados os desdobramentos desse aspecto para o papel do profissional e também a necessidade de abarcar essa dimensão da vida no contexto de suas práticas.

Percebe-se, portanto, que a sexualidade aparece como tema para a maioria dos terapeutas ocupacionais quando relacionada às dificuldades e às incapacidades, e o papel do profissional como potencialmente capaz de minimizar esse problema por meio de técnicas de reabilitação, ou seja, treinamento de habilidades e capacidades.

Contudo, a terapia ocupacional ainda carece de estudos que compreendam a sexualidade como um dispositivo, sendo histórica e culturalmente variável, além de uma das formas mais poderosas de diferenciação social

e vetor de maneiras diversas de desigualdade (DUQUE, 2009), potencial subjetivo e político de transformação individual e coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo permitiu o reconhecimento da produção teórica dos terapeutas ocupacionais, veiculada em periódicos nacionais e internacionais da área, relativa ao tema da sexualidade.

Como fruto desse reconhecimento, foram arroladas as principais questões que têm sido apresentadas e lidadas pelos terapeutas ocupacionais em suas práticas sobre as demandas relativas às sexualidades.

O referencial concernente a “sexo/sexualidade” e “gênero”, parametrizado pela concepção de homem-masculino-heterossexual e mulher-feminina-heterossexual, precisa ser questionado e trabalhado dentro da formação técnica dos terapeutas ocupacionais, uma vez que estes profissionais lidam, cotidianamente, com diferenças e alteridades em relação às pessoas para as quais direcionam suas ações.

Verifica-se ainda a necessidade de novos estudos que discutam a sexualidade não apenas como demanda de procedimentos clínicos, mas que levem em consideração seu caráter histórico, cultural e político.

MONZELI, G. A.; LOPES, R. E. Occupational therapy and sexuality: a review of national and international journals in the area. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 23, n. 3, p. 237-44, set./dez. 2012.

ABSTRACT: This is a review of the literature article designed to map and apprehend the production of studies among occupational therapists, in national and international journals, on sexuality. The survey was conducted in two national and six international journals, all specific to the area of occupational therapy. We identified thirty texts published between the period of 1985 and 2011. With the completion of the survey and data analysis, it was noted that the production of knowledge that involves occupational therapy and aspects of sexuality, although not new, is still scarce. The main themes in the work were: sexuality as a factor to be considered in the occupational therapy process; the experience of sexuality for people with a disability; the competence of the occupational therapist in dealing with sexuality; and finally, the comfort / discomfort of occupational therapists in approaching the issue. There was also a need for studies to comprehend sexuality as a subjective expression, in addition to clinical intervention work as well as to look into its political potential of individual and collective transformation.

KEYWORDS: Occupational therapy; Sexuality; Review literature as topic.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'*. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 151-172.

BUTLER, J. **Cuerpos que importan**: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo". Buenos Aires, Paidós, 2002.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DUQUE, T. **Montagens e desmontagens**: vergonha, estigma e desejo na construção das travestilidades na adolescência. [Dissertação de Mestrado]. São Carlos, 2009. 163f. Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo:

Atlas, 2002.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MATOS, M. Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p.333-357, 2008.

MISKOLCI, R. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 11, n. 21, p.150-182, 2009.

MOTTA, I. P. **A importância de ser Mary**. São Paulo: Annablume, 2009.

OLIVER, F. C. Disseminação do conhecimento e periódicos científicos: contribuições para o debate em terapia ocupacional. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, v. 17, Supl. Esp., p. 69-85, 2009.

Recebido para publicação: 20/07/2012

Aceito para publicação: 12/11/2012